

CORREIA, João David Pinto. *Os Romances Carolíngios da Tradição Oral Portuguesa* (Literatura - 19). Lisboa, Instituto Nacional de Investigações Científicas, 1994.

Carlos Magno e seus companheiros, os Pares de França, continuam “vivos” em pleno século XX. Eis as palavras iniciais do filólogo português João Antonio Pinto Correia na dissertação para provas de doutoramento em Literatura Portuguesa, defendida na Universidade de Lisboa em 1987 e publicada com algumas alterações com o título *Os Romances Carolíngios da Tradição Oral Portuguesa*. Trata-se de uma obra de fôlego, resultado de trabalho demorado e metucioso, fundado em pesquisa aprofundada e em análise penetrante em torno da memória carolíngia na Península Ibérica.

O livro destina-se diretamente aos filólogos e estudiosos da Literatura Portuguesa. A dimensão assumida pelo objeto de estudo, todavia, permite que seja lido e aproveitado por pesquisadores de outros campos do saber, como historiadores, folcloristas e antropólogos. Para realizar os objetivos de seu ambicioso projeto, isto é, editar e analisar todo o *corpus* do romanceiro carolíngio extraído da tradição oral portuguesa, Pinto Correia empreendeu um longo e bem sucedido percurso.

No primeiro volume do livro, há duas partes distintas, porém complementares. Inicialmente, Pinto Correia fundamenta os princípios teóricos e metodológicos do trabalho e situa historicamente a natureza do objeto de estudo. Encontramos aí arrolados e debatidos conceitos fundamentais como “Roman-

ceiro Tradicional”, perspectivas de estudo como a “Etno-semiótica proppiana” e a “Etnoliteratura” dos colaboradores de A. J. Greimas. O autor demonstra grande familiaridade com conceitos ou problemas advindos de discussões encaminhadas por pesquisadores de disciplinas aparentemente distanciadas, incorporando em seus argumentos reflexões de Roland Barthes, Claude Lévi-Strauss, Julia Kristeva, Michelle Débax, Paul Zumthor e Ramon Menendez Pidal (de quem não oculta grande admiração).

No ensejo de apreender as formas de constituição e os níveis de discursivização do *corpus* recolhido da tradição oral portuguesa em perspectiva estrutural, empreende análise diacrônica do que denomina “universo configuracional carolíngio”, rastreando os desdobramentos dos temas desenvolvidos a partir do núcleo constituído por Carlos Magno e os Doze pares de França da Idade Média aos nossos dias. A abordagem evolui do geral para o particular, tendo como ponto de partida a elaboração do imaginário carolíngio na Europa medieval, as formas (e especificidades) assumidas na Península Ibérica, especialmente no domínio cultural português (incluindo o Brasil, São Tomé e Príncipe e até mesmo Goa).

Quanto à segunda parte, Pinto Correia dedica ao exame dos elementos narrativos das versões recolhidas por outros estudiosos (Almeida Garrett, Carolina Michaelis, Teófilo Braga, José Leite de Vascon-

celos, Menendez Pidal), em análise particularizada de cada um dos romances, os temas recorrentes e os personagens integrantes do universo carolíngio (Rolândo/Rolando, Oliveros, Reinaldos de Montalvão, Belardos, Condes Claros, Valdevinos). Por fim, a partir da trama, enredo, personagens e intrigas perpetuados na tradição oral, efetua estudo semiológico dos sistemas de valor e articulações ideológicas presentes no romanceiro.

No segundo volume, encontramos a edição/reedição primorosa dos romances recolhidos da tradição oral com suas respectivas versões ou variantes, precedidos por minuciosa orientação e indicação dos critérios de publicação do material. O autor agrupou e reeditou cuidadosamente as versões publicadas nos séculos XIX e XX em coletâneas, revistas e almanaques, anotando dados sobre editores, coletores/recoletores e informantes. Além disso, sistematizou os elementos constituidores do romanceiro em índices que identificam, sintetizam e situam o *corpus* publicado. Há índices alfabéticos de editores e recoletores, de nomes dos informantes, de idade dos informantes, de locais e datas de recolhas.

Trata-se, pois, de trabalho verdadeiramente exaustivo, lastreado em aparato conceitual e metodológico perfeitamente estabelecidos, fundamentados em bibliografia alentada e atualizada. O autor demonstra não apenas domínio extraordinário do assunto, mas também fluência na exposição e rigor científico inquestionável, visível nas cuidadosas notas de rodapé, em que explicita de modo convincente a solidez dos argumentos defendidos e o debate com os demais especialistas em literatura oral.

Por todas estas razões, acreditamos que *Os Romances Carolíngios da Tradição Oral Portuguesa* venha ocupar em pouco tempo lugar de destaque entre os estudos relacionados à tradição cultural lusa, sendo inclusive obra de leitura indispensável aos pesquisadores envolvidos com os problemas da cultura popular brasileira, em que o imperador de longas barbas e seus paladinos continuam a desempenhar papel absolutamente singular. Afinal, em 1977, um velho caboclo do sertão do Rio Grande do Norte, ao saber que o ensaísta Gilles Lapouge estava por ali, vindo da França, não lhe pediu notícias de Rolando?

José Rivair Macedo
Deptº de História - IFCH/UFRGS